



**Assim Fala a Notícia:
Sotaques e Regionalismos no Telejornalismo Paraibano¹**

Amanda Falcão EVANGELISTA²
Thiago D'angelo Ribeiro ALMEIDA³
Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

A discussão sobre a identidade local no telejornalismo tem gerado debates entre os comunicadores, principalmente quando o elemento gerador desta discussão diz respeito às peculiaridades da fala de repórteres/apresentadores, que muitas vezes são compelidos pelas empresas em que trabalham a se submeterem a sessões fonoaudiológicas, a fim de suavizarem seus sotaques. Acredita-se que os excessos de regionalismos destes profissionais tiram a atenção do conteúdo noticioso. Assim, este trabalho tem o intuito de esclarecer como os profissionais do telejornalismo paraibano veem o emprego do sotaque e dos regionalismos nos telejornais locais. Participaram desta pesquisa 10 telejornalistas de quatro empresas paraibanas de comunicação, todas afiliadas a emissoras nacionais.

Palavras-chave: Telejornalismo; Sotaque; Fala.

Introdução

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) o Brasil possui uma área territorial de 8.514.876 km², o que o coloca no posto de quinto maior país do mundo. Seus quase 200 milhões de habitantes estão distribuídos em cinco grandes regiões geopolíticas, cada uma com sua história, cultura e características próprias. Seria impossível falar de um país com essas dimensões, sem falar em diversidade.

A diversidade compreende diferentes modos de pensar, de agir, de vestir e também de falar. Essas peculiaridades na fala são chamadas de sotaque. Em uma única região brasileira, por exemplo, podem existir variados tipos de sotaque, por isso o Brasil é tido como um país dialetologicamente plural. Essas inúmeras variações lingüísticas são reconhecidas pela sociolingüística, porém, a que nos interessa nesse estudo é

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Mestranda em Jornalismo Profissional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: amanda.falcoa@gmail.com

³ Mestrando em Jornalismo Profissional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: dangelo.thiago@hotmail.com



chamada de variação diatópica, ou seja, a variação que se dá de acordo com a ocupação do espaço geográfico.

Sotaque é a pronúncia ou modo de falar que caracteriza territorialmente um determinado povo, diferenciando culturas de diversos países, cidades e até mesmo de lugarejos. Sobre o fenômeno do sotaque, Marchesan (2004) explica que é o acento utilizado por cada indivíduo, como por exemplo, o sotaque do nordestino, do gaúcho ou do carioca. Podemos considerar também como sotaque a falha de um indivíduo ao pronunciar uma palavra de língua estrangeira.

Bonora (2004) ao citar Crystal (1985) relembra que o autor vai além desta observação acerca da identificação do sotaque. Ele diferencia o sotaque de procedência regional (urbana/rural) e social (ambiente cultural/educacional), e afirma que o sotaque regional pode estar associado a qualquer local, seja comunidades rurais ou urbanas de um país.

Tendo em mente as variações lingüísticas do Brasil e a rígida padronização buscada pelas grandes emissoras do país em seus telejornais, abordamos nesta pesquisa a visão dos telejornalistas atuantes na Paraíba frente à proposta de suavização do sotaque nos telejornais locais.

O Sotaque no Telejornalismo

A história do sotaque com o telejornalismo surgiu entre as décadas de 60 e 70, quando a televisão foi ganhando a empatia da população brasileira. Naquela época, pouco se sabia sobre o modo de fazer televisão, por isso, no “achismo” de se fazer jornalismo com qualidade muitos profissionais do rádio foram incorporados às emissoras, e assim, as características do rádio foram dando moldes ao telejornalismo. Contudo, o jornalismo do rádio nada tem a ver com o da tevê. A locução radiofônica é impostada, formal. Na televisão, o texto tem que casar com a imagem, nem tudo é preciso ser dito em fala. Diferente de outros meios de comunicação, na TV não se pode ouvir novamente o que já foi dito, por isso, para haver comunicação plena é necessário que a mensagem seja compreensível, através de uma linguagem clara, neutra, segura e que passe credibilidade ao telespectador.

A primeira emissora a contratar um profissional da fonoaudiologia a fim de obter a padronização da fala dos repórteres e apresentadores foi a Rede Globo. No início dos anos 70 a empresa contratou Glorinha Beuttenmüller, responsável pela preparação



fonoaudiológica da equipe durante 15 anos. Glorinha trouxe para a televisão sua experiência no teatro, onde orientava os atores a falarem com o corpo, usarem a sensibilidade, ver o que estavam apenas dizendo. Essas técnicas eram fruto de um método que ela própria desenvolveu durante um trabalho com cegos do Instituto Benjamin Constant.

A então diretora do Globo News, Alice Maria, relembra aquele tempo em depoimento que deu ao livro “Fonoaudiologia e Telejornalismo”:

O diálogo entre a chefia e o fono é de grande importância. Foi assim que fizemos durante todo o tempo em que a Glorinha orientou nossa equipe. Foi assim que fomos formando os primeiros repórteres de vídeo da Globo. No período de implantação do telejornalismo, havia mais um desafio: era a primeira experiência da tevê em rede nacional. Assim, tínhamos repórteres de várias regiões do país. Nosso objetivo era ter diversidade no ar. E, claro, queríamos ter os diversos sotaques. Mas percebemos que o sotaque muito forte em televisão não funciona em televisão. (MARIA, 2004, p. 2)

Os linguistas acreditam que não existem falantes desprovidos de sotaque. O mais próximo disto seria a suavização deste, algo que torna ainda mais complicada a missão de detectar a origem regional de um falante quando se trata de telejornalismo.

Apesar de no Brasil ser vasto o leque de classificações de sotaque, criou-se aqui a ideia de que os falantes de algumas localidades do Sudeste se aproximam da neutralidade. É o que se chama de “sotaque suavizado”. Esse padrão de sotaque é o buscado pelas emissoras de TV. Os editores-chefes admitem que a presença de regionalismos na fala de repórteres e apresentadores pode interferir na emissão da mensagem, pois desvia a atenção dos telespectadores, assim como adereços extravagantes, como: brincos grandes, maquiagem forte ou roupas que apresentem decote.

Sobre isto, Pinho, Camargo e Peter (2007) afirmam que “pequenas distorções fonêmicas, principalmente das variantes de /s/ e /r/, geram ruídos na comunicação e desviam a atenção do telespectador. A sobrearticulação dos sons também podem deve ser evitada.” (p. 33)

Além de não desviar a atenção, acredita-se que a suavização do sotaque cria uma hegemonia, facilitando o processo de comunicação oral.

Bonora (In: Feijó e Kyrillos, 2004) ressalta a importância de avaliar com o diretor de jornalismo e/ou chefe de reportagem até que ponto a suavização do sotaque



pode interferir no estilo pessoal do repórter ou apresentador, pois dependendo do resultado, pode torná-lo uma figura descaracterizada. E acrescenta:

A suavização do sotaque deve ser feita de acordo com a atuação do repórter ou apresentador, narrador esportivo, comentarista e o tipo de produto, ou seja, jornal local, de rede, programa rural, esportivo, revista, entre outros. [...] Discutir com o repórter os aspectos profissionais e sociais que implicam a suavização do sotaque é fundamental. (BONORA, 2004, p. 88)

É importante ressaltar que o trabalho feito pelos fonoaudiólogos em repórteres e apresentadores televisivos diz respeito à neutralização do sotaque e não à anulação deste.

O sotaque é difícil de ser eliminado, mas pode ser suavizado. Isto é importante para jornalistas que queiram entrar em jornal de rede nacional. O sotaque leve atribui personalidade ao jornalista e à matéria, mas se for exagerado incomoda. O exagero desvia a atenção do telespectador e contribui para que se perca o mais importante no telejornalismo: o conteúdo da mensagem, a notícia. (PINHO, 2007, p. 44)

A preocupação com a suavização do sotaque na TV aumentou ainda mais nos anos 90, momento em que a programação oferecida foi regionalizada, com a criação de programas locais, troca de informações entre as redes e a migração de repórteres de várias regiões do Brasil. Isto gerou certa polêmica dentro das redações que se encontravam divididas. Uns acreditavam que o sotaque desapareceria juntamente com a identidade cultural, criando uma fala artificial e abalando a credibilidade da reportagem. Já outros aceitaram a ideia, pois acreditavam que isto facilitaria a comunicação com o público, tornando assim a mensagem mais compreensível e clara.

O sotaque não pode ser um ruído na comunicação, chamando mais atenção que a notícia. Quando isso ocorre, é necessário que seja suavizado. Ele também não deve ser neutralizado, perdendo todas as suas características regionais, pois o telespectador se identifica com o falar do jornalista. (BONORA, 2004, p. 82)

Quando nos referimos ao termo “suavização do sotaque”, estamos nos reportando ao modo de falar do eixo Rio – São Paulo, pois eles se tornaram o padrão adotado pelas emissoras como modelo. Para dar sustentação a essa questão, alguns pontos são levantados.



O primeiro deles se reporta ao passado, como afirma Carvalho (2001): “Por motivos históricos, econômicos, políticos e culturais, a pronúncia carioca sempre foi a variedade de maior prestígio: o Rio de Janeiro foi a capital do Reino, do Império, da República e é hoje a capital da mídia.” (p.59)

Já Houaiss (1983) aponta o Rio de Janeiro como eixo cultural e São Paulo como o centro da economia, da política e da cultura desde o início do século XIX. Segundo o autor, o falar do eixo Rio - São Paulo, que ele se refere como “pronúncia meio-termo carioca-paulista”, dominava o restante da forma ditatorial.

Outro fator que aponta o jeito de falar dos habitantes do Rio de Janeiro e de São Paulo como modelo adotado pelas TVs se refere ao fator comercial. As cinco principais emissoras comerciais (Globo, SBT, Band, Record e RedeTV!) se localizam nessas duas cidades, o que faz com que seus interesses estejam concentrados no público dessas regiões.

Com o aparecimento das afiliadas que se espalharam por todo o país, as emissoras cabeças de rede sentiram a necessidade de uniformizar todo o conteúdo que fosse veiculado por elas. Deste modo, foi criado o ProDETAF (Projeto de Desenvolvimento do Telejornalismo das Afiliadas), responsável por padronizar a qualidade do telejornalismo adotado por cada empresa, fazendo assim, com que o conteúdo local esteja sempre pronto para ser veiculado à nível nacional.

Procedimentos Metodológicos

Participaram desta pesquisa dez jornalistas de quatro empresas paraibanas de comunicação. Todas estas afiliadas a emissoras nacionais.

Os participantes foram escolhidos de forma aleatória pelos chefes de cada redação. Colaboraram com o presente trabalho: três apresentadores, três repórteres e quatro editores-chefes. No universo de entrevistados, dois são homens e oito são mulheres, com idades entre vinte e quatro e trinta anos de idade. Em relação ao número de anos nesta profissão, o grupo em questão gerou uma média de 5,3 anos, com valores que vão de dois a nove anos de experiência na área jornalística.

A quantidade final de entrevistados não seguiu um número padrão, devido à amostragem por conveniência. Foram enviados seis questionários para cada uma das quatro empresas. Dos vinte e quatro questionários enviados, dez foram respondidos e reenviados ao pesquisador.

Para a realização do presente estudo foram analisadas as respostas geradas pelos pesquisados a partir do questionário empregado. Foram utilizados como técnica de coleta de dados, questionários contendo perguntas abertas e fechadas. Para identificação da preferência, ou não, por pronúncias diferenciadas de uma mesma palavra, foi gravado um arquivo de áudio, contendo nove itens, cada um com duas pronúncias diferentes (uma com sotaque regional e outra com sotaque suavizado). O arquivo de áudio serviu como complemento e suporte para o preenchimento de um dos itens do questionário. Ambos foram enviados via *e-mail*, evitando assim contato do pesquisador com os entrevistados e mantendo um padrão de método de pesquisa.

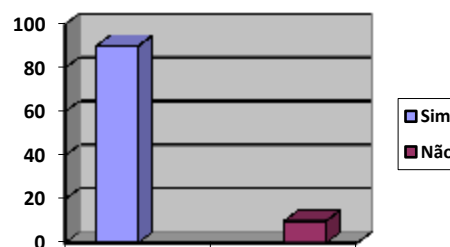
Os itens do questionário ajudaram o pesquisador a traçar o perfil dos entrevistados, entender a influência do sotaque e verificar como os profissionais do telejornalismo paraibano lidam com a suavização das peculiaridades da fala regional, discussão central desta pesquisa.

Por motivos de questões éticas, os jornalistas entrevistados serão aqui identificados por letras que vão de “A” à “J”, e os nomes das empresas ao qual prestam serviço também serão preservados.

Resultados e Discussão

A primeira pergunta fechada (dicotômica) do questionário se referia à influência do sotaque sobre a carreira de um repórter / apresentador de telejornal, e limitava as respostas a um “sim” ou “não”. Para 90% dos entrevistados, a forma como as palavras são pronunciadas possuem sim, forte influência sobre a carreira de um telejornalista.

GRÁFICO 1-Você acha que o sotaque influencia na carreira de um repórter / apresentador de telejornal?





Para MARTINS (2007), essa influência vai além da consolidação da profissão de um comunicador. Segundo o autor, o jornalismo de TV tem forte carga sobre o sentimento de pertencimento do cidadão, que reconhece através das matérias o seu próprio espaço geográfico, os traços característicos de seu povo.

Isto reforça a ideia de que para que um profissional se consolide em empresas de comunicação que abrangem o território nacional, é necessário que ele se adéque às regras impostas por estas empresas. Uma dessas regras, e reconhecida como uma das mais importantes, é demonstrar controle sobre o sotaque.

O que ocorre no telejornalismo brasileiro é que cada vez mais se tenta apagar essas marcas quando tratam da linguagem oral, onde são mais perceptíveis na televisão. Percebemos que não há a preservação das características originais em nenhuma região, e mesmo identificando que há a presença de certos sotaques, os mesmos originalmente não são mantidos. Tal afirmação, como já explicado anteriormente, deve-se ao fato de não permitir que este sotaque se sobressaia à notícia. (BATISTA & FIGUEIREDO, 2009, p. 8).

Em contrapartida a esta realidade, ainda conseguimos ver no telejornalismo brasileiro, profissionais de renome que não abriam mão do sotaque regional. É o caso de Francisco José, uma das maiores referências da rede Globo Nordeste. Filho do Crato (CE) e morando há décadas em Pernambuco, o jornalista não deixa de assinar sua origem em suas reportagens. Renata Alves, repórter da rede Record, é outro exemplo. “Rainha do sotaque” nordestino, a jornalista natural de Recife (PE), mas que viveu grande parte de sua vida em Aracaju (SE), ganha a simpatia de todos ao mostrar as curiosidades do sertão nordestino.

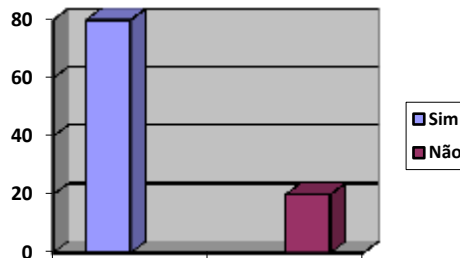
O modo de falar peculiar de ambos os profissionais, não só não nos desvia do foco da notícia, como também, nos faz ficar ainda mais próximos do cenário onde a reportagem acontece, como afirmou Renata em entrevista concedida ao blog da Record (2012):

Se tem algo que tenho orgulho é das minhas raízes. Simplesmente amo ser nordestina. E o meu sotaque é muito próprio da minha região. Sei que sou uma privilegiada, uma exceção no meio jornalístico. Afinal de contas, podemos contar nos dedos os profissionais que preservam o sotaque. Com certeza essa é a minha grande marca e será para sempre. E o público adora.

A segunda pergunta do questionário procurou saber dos entrevistados como eles analisam a influência do sotaque sobre a narração da notícia. O resultado identificou que 80% dos pesquisados acreditam que sim, o sotaque tem poder sobre a narração da

notícia, enquanto que 20% entendem que o regionalismo na fala do repórter / apresentador não possui influência sobre a narração dos fatos.

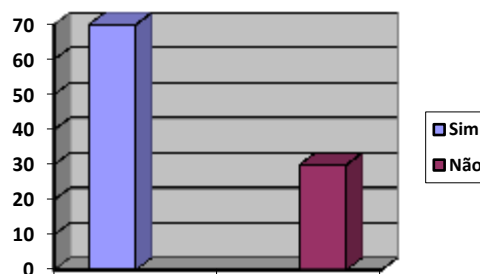
GRÁFICO 2 – Você acha que o sotaque influencia na narração?



Ao fazermos uma inferência da pergunta 1 (“você acha que o sotaque influencia na carreira de um repórter / apresentador?”) com a pergunta 2 (“você acha que o sotaque influencia na narração?”) notamos que 10% dos entrevistados acreditam que apesar de o sotaque influenciar na carreira de um profissional do telejornalismo, ele não interfere sobre a narração da notícia. Ou seja, podemos concluir que para esta parcela, a narração da notícia em nada interfere na carreira de um profissional de TV.

Ainda sobre a influência do sotaque no telejornalismo, a terceira pergunta do questionário aborda a relação do “falar local” com a transmissão da notícia. As respostas dadas a pergunta “Você acredita que o sotaque influencia na transmissão da notícia?” demonstram que 70% dos entrevistados confirmam que sim, que o sotaque influencia na transmissão dos fatos noticiados, enquanto que 30% conceberam o “não” como resposta.

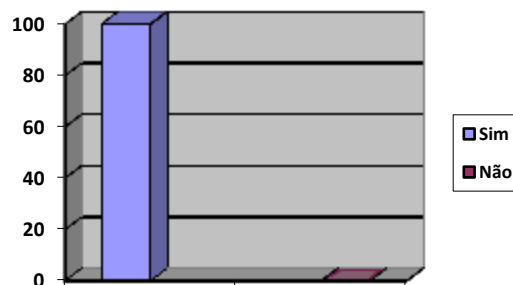
GRÁFICO 3 - Você acredita que o sotaque influencia na transmissão da notícia?



Para entendermos melhor a visão dos entrevistados sobre a transmissão e produção da notícia, fizemos uma comparação entre a pergunta 2 (“você acha que o sotaque influencia na narração?”) e a pergunta 3, acima citada, (“Você acredita que o sotaque influencia na transmissão da notícia?”). Desta correlação, pudemos verificar que 10% dos entrevistados acham que o sotaque influencia na narração da notícia, porém, não interfere na transmissão do fato noticiado.

O resultado da última questão dicotômica do questionário (“Você acha que o sotaque deve ser suavizado para reportagens e apresentação de telejornais locais?”) é o reflexo da unanimidade no debate acerca do sotaque. Para 100% dos entrevistados, o sotaque deve ser suavizado no que diz respeito ao telejornalismo. Ou seja, na contramão dos que criticam a “personalização do sotaque na TV”, os próprios profissionais do meio acreditam que este padrão da fala é benéfico para a formação da notícia, e conseqüentemente, para o entendimento do público.

GRÁFICO 5 – Você acha que o sotaque deve ser suavizado para reportagens e apresentação de telejornais locais?



Duas hipóteses podem dar sustentabilidade a esta unanimidade acerca do sotaque. A primeira delas tange o campo do mercado trabalho. Como já mostrado anteriormente neste estudo, para ser aceito no meio televisivo, principalmente para quem quer ter suas reportagens veiculadas em rede nacional, é necessário ter o acompanhamento de um profissional da fonoaudiologia, para que o sotaque seja amenizado, se aproximando assim, da neutralidade.

A outra hipótese que pode explicar a unanimidade dos telejornalistas diante da suavização do sotaque, diz respeito à aceitação do público e dos próprios colegas de profissão. Manter o sotaque natural de sua região pode fazer com que o jornalista se



torne “um estranho no ninho”, se diferenciando dos outros profissionais não pela qualidade de suas reportagens, mas pela distorção que esta manifestará perante as outras. Isto pode o levar ao fracasso, mesmo que suas produções só sejam divulgadas a nível local.

As sexta questão abordada no questionário trazia uma pergunta que permitia aos entrevistados uma resposta livre, aberta. A indagação se referia às características específicas da fala dos habitantes naturais de João Pessoa: “O que você acha específico na fala do paraibano?”. As respostas foram variadas, e englobaram questões como gírias e modo de falar. Para a maioria dos entrevistados, uma das características mais marcantes da fala do paraibano é o “falar cantado” ou “arrastado”, referente ao ritmo da fala. Outra característica citada pelos pesquisados se refere às gírias regionais, tais como: “oxente”, “visse”, “vixe”, além da informalidade no emprego do “tu” ao invés de “você”.

TABELA 1 – O que você acha específico na fala do paraibano?

ENTREVISTADO	RESPOSTA
ENTREVISTADO “A”	A forma de prolongar a pronúncia de algumas palavras.
ENTREVISTADO “B”	Engolir o gerúndio, além de gírias como “oxente” e “visse”.
ENTREVISTADO “C”	O paraibano fala “cantando”, junta as palavras e faz muita cacofonia. Voz geralmente nasalada.
ENTREVISTADO “D”	O esquecimento do “S” ou o “S” exagerado, o “T” e o “D” muito carregados. O “E” e o “O” são muito abertos.
ENTREVISTADO “E”	Pronuncia mais lenta das frases.
ENTREVISTADO “F”	O paraibano usa gírias populares. Além do sotaque carregado, gosta muito de usar o “visse”, sempre usado precedido da palavra “tu”.
ENTREVISTADO “G”	Engolir o gerúndio, exemplo: “brincano” e não “brincando”.
ENTREVISTADO “H”	O arrastado da fala.
ENTREVISTADO “I”	Sotaque carregado e expressões contendo gírias locais, como “Vixe Maria!”
ENTREVISTADO “J”	Uso constante de gírias como “visse”, “oxente”, “tá danado!”, além de ter uma fala bem mais carregada.

É perceptível que para alguns jornalistas que atuam na Paraíba, o sotaque da população local não se consolida como um bom meio para uma comunicação profissional.



No livro “Preconceito Linguístico – O que é, como se faz”, BAGNO (2011) defende a tese de que não há uma comunidade de falantes com “melhor” ou “pior” português, e critica a rejeição e o preconceito que ronda as peculiaridades da língua regional:

Diante de uma placa escrita TEATRO, é provável que um pernambucano, lendo em voz alta, diga TÉ-atru, que um carioca diga TCHI-atru, que um paulistano diga TÊ-atru. E agora? Quem está certo? Ora, todos estão igualmente certos. O que acontece é que em toda comunidade linguística do mundo existe um fenômeno chamado variação, isto é, nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares. (BAGNO, 2011, p. 68)

A sétima pergunta trazida no questionário também proporcionou aos entrevistados a possibilidade de livre resposta. A pergunta era: “Existe algum aspecto na forma de falar do paraibano que você não acha interessante para a fala do repórter ou apresentador local?”. Alguns entrevistados reafirmaram as respostas dadas no item anterior, e novamente mostraram antipatia por elementos como: expressões locais (“oxente”, “visse?”) e pronúncias bruscas de sílabas como “ti” e “di”, o que para eles resulta num sotaque tido como “carregado”, o que do ponto de vista linguístico, nada mais é do que um forte pronunciamento das sílabas.

Ainda sobre essas respostas acerca do sotaque dos habitantes naturais da Paraíba, pudemos verificar certa carga de preconceito linguístico. Note que o entrevistado “D” classifica os falantes dessa região como “matutos”. A figura do matuto remete a um estereótipo de quem reside no interior, de classe social menos favorecida, trabalha em funções que se utilize mais da força física do que do intelecto, e que por não ter acesso pleno à educação, comete habitualmente erros de português.

É importante lembrar que a visão dos entrevistados aqui citados, reflete, em sua grande maioria, a visão de habitantes não-pessoenses. Ou seja, as opiniões explanadas aqui são oriundas de quem veio de outra cidade, mas trabalha no meio de comunicação paraibano. Dos 10 entrevistados, apenas três nasceram em João Pessoa, enquanto os outros sete são naturais de estados como: Pernambuco, Ceará, São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte.



TABELA 2 - Existe algum aspecto na forma de falar do paraibano que você não acha interessante para a fala do repórter / apresentador local?

ENTREVISTADO	RESPOSTA
ENTREVISTADO “A”	Não.
ENTREVISTADO “B”	Engolir o gerúndio, além de gírias específicas como “oxente” e visse.
ENTREVISTADO “C”	O “que”, que quando se conversa, se ouve “qui” (O ‘qui’ se fez?), e quando alguém lê, percebe quase um “qué” aberto (O ‘que’ se fez?).
ENTREVISTADO “D”	Além do “D” e do “T” “carregados”, muitos repórteres paraibanos valorizam a forma de falar do interior do Estado, com o sotaque bem carregado (considerado matuto).
ENTREVISTADO “E”	Os vícios de linguagem que ocorrem nas várias regiões do país.
ENTREVISTADO “F”	O profissional deve falar como está adaptado, ciente de que se usar o linguajar regional está apto a ser rotulado. Não é aconselhável colocar gírias em um texto, nem mesmo as locais.
ENTREVISTADO “G”	Acredito que seja melhor falar com a neutralidade do “falar local”, do que com a artificialidade do sotaque de quem é natural do Sul.
ENTREVISTADO “H”	Não.
ENTREVISTADO “I”	O “ti” e “di” e algumas expressões regionais como “oxente”.
ENTREVISTADO “J”	Acredito que a fala do apresentador e do repórter devem seguir um padrão que não tenha um sotaque carregado.

Note que os entrevistados “A” e “H” responderam que não existe nenhum aspecto na forma de falar do paraibano que não seja interessante para apresentação ou reportagem de telejornais locais, o que demonstra contradição se compararmos a respostas anteriores dadas ao questionário.

O oitavo e último ponto do questionário apresentou nove palavras dentre verbos e adjetivos. Cada palavra veio acompanhada de duas pronúncias: a primeira com sotaque regional, a segunda com sotaque suavizado. As pronúncias foram gravadas em um arquivo de áudio, que foi enviado via e-mail para os entrevistados, evitando assim diferenças de pronúncias.

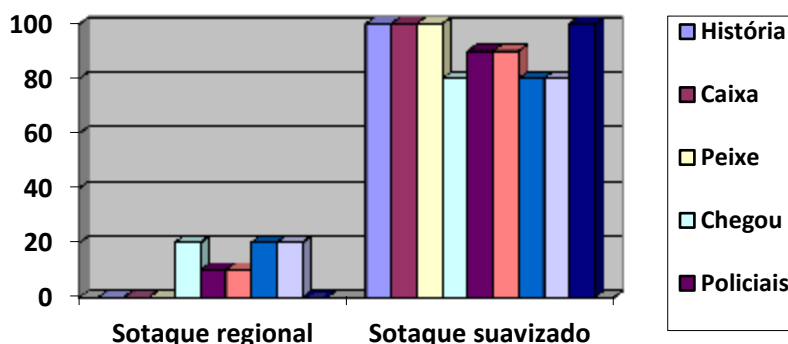
As palavras apresentadas foram: História; Caixa; Peixe; Chegou; Policiais; Queria; Dia; Tia e Parecendo.

As pronúncias (regionais e suavizadas, nessa ordem) apresentadas para cada item foram: “*Hixtória*” x *Estória*; “*Caxa*” x *Caixa*; “*Pexe*” x *Peixe*; “*Chegô*” x *Chegou*; “*Puliciais*” x *Policiais*; “*Quiria*” x *Queria*; *Dia* x “*Dchia*”; *Tia* x “*Tchia*”; “*Parecenu*” x *Parecendo*.

O resultado geral apresentado reafirmou a simpatia dos telejornalistas com a estratégia de suavização do sotaque na tevê. Apenas 7,8% (sete vírgula oito por cento) dos votos foram dados à opção “sotaque regional”.

Para 100% (cem por cento) dos entrevistados as palavras “História”, “Caixa”, “Peixe” e “Parecendo” devem ser pronunciadas de forma mais neutra, com menor carga de traços regionais. Podemos notar aí, que o encurtamento do gerúndio (transformar o sufixo “endo” em “enu”, como em “fazenu”) é rejeitado em sua grande maioria, como apresentado anteriormente nas respostas abertas dos entrevistados “B” e “G”.

GRÁFICO 6 - Qual das pronúncias você prefere?



Considerações Finais

A primeira percepção é de que os profissionais do telejornalismo paraibano, em sua maioria, são a favor da suavização do sotaque local. Esta afirmativa se justifica com base no entendimento de que o sotaque, se acompanhado de fortes elementos característicos da comunidade local, pode se sobrepor à informação, desviando assim, a atenção do telespectador da notícia que está sendo veiculada.

Ainda segundo esses profissionais, o sotaque possui forte poder de influência sobre a narração e transmissão da notícia, além de se caracterizar como um forte



elemento definidor da carreira de um telejornalista que queira trabalhar em grandes empresas de comunicação e ter suas reportagens veiculadas em nível nacional.

Pôde-se perceber também que a maior parte dos pesquisados, naturais da Paraíba ou não, rejeita o uso de expressões locais, como: “oxente”, “visse” e “tá danado”, assim como o ritmo da fala dos paraibanos, que gera a impressão de “fala cantada”. Para eles, essas características da comunicação local tornam o conteúdo atrasado, além de desviar do foco da notícia.

Diante da análise do resultado da preferência pelo sotaque local ou sotaque neutro das palavras apresentadas, notou-se que as que mais geraram rejeição por parte dos adeptos à neutralização da fala foi o verbo “Parecendo”, além dos substantivos “Peixe”, “Caixa” e “História”. O que indica que a supressão do gerúndio em “enu”, como em “Parecenu”, assim como a supressão da vogal “I” em palavras dissílabas, como “Pexe” e “Caxa”, não são vistas com bons olhos por parte desses profissionais. Essa rejeição também diz respeito ao exagero da consoante “S”, que muitas vezes carrega o som de “X”, como em “Hixtória”.

Referências

BATISTA, C. L. C; FIGUEIREDO, M. A. V; **O local no Nacional: um debate sobre os sotaques no telejornalismo de rede no Brasil**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, PR. 2009.

BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

BONORA, M. Sotaque x Telejornalismo: Uma proposta de atuação fonoaudiológica. *In: Fonoaudiologia e Telejornalismo*. FEIJÓ, Deborah, KYRILLOS, Leny. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

BLOG Record. Confira a entrevista com a repórter Renata Alves. Disponível em <<http://www.blogrecord.net/2011/01/confira-entrevista-com-reporter-renata.html>>. Acesso em 03 maio 2012.

CARDOSO, S.A.; FERREIRA C. A. *dialetologia do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FEIJÓ D., KYRILLOS L. **Fonoaudiologia e Telejornalismo** - Baseado no III Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

HOUAISS, A. Artigo: **Sotaques brasileiros: nenhum é certo, nenhum é errado**. Revista Diálogo Médico, 1983.

LEITE NETO, Manoel Joaquim. **A fala do sertanejo de cedro: sertão central de Pernambuco**. Programa de pós-graduação em letras e lingüística da UFPE, Recife, 2001.



MARIA, A. **História da Fonoaudiologia no Telejornalismo**. In: FEIJÓ, D. e Kyrillos, L., *Fonoaudiologia e Telejornalismo*. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

MARCHESAN, I.Q. **Alterações de fala de origem musculoesquelética**. In: FERREIRA L.P., BEFI-LOPES D.M., LIMONGI S.C.O. *Tratado de Fonoaudiologia*. São Paulo: Rocca, 2004.

MARTINS, S. **Da audiência presumida ao telespectador participativo: telejornalismo e identidade local no Jornal da Alterosa edição local**. Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação do XXX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, Anais...Santos, INTERCOM, 2007.

PICOLOTTO, L.; SOARES, R. M. F. **Técnicas de impostação e comunicação oral**. São Paulo, Ed. Loyola, 1977. 5ª edição, 1995.

PINHO, S. M. R. **Temas em voz profissional**. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2007.